

1. PUCSP 2006

Em carta escrita a João Condé, revelando os segredos de "Sagarana", João Guimarães Rosa elenca as doze histórias que comporiam a obra. De uma delas afirma: "Peça não-profana, mas sugerida por um acontecimento real, passado em minha terra, há muitos anos: o afogamento de um grupo de vaqueiros, num córrego cheio". Tal afirmação refere-se ao conto

- a. "O burrinho pedrês", cujo personagem Francolim desempenha um papel relativamente importante na história.
- b. "Conversa de bois", cujo enredo envolve, também, a morte de um carreiro, provocada pelos bois e pelo menino-guia.
- c. "A hora e vez de Augusto Matraga", cujo personagem principal é marcado a ferro com um triângulo inscrito numa circunferência, como se fosse gado do Major.
- d. "Sarapalha", que também narra a partida da esposa de Ribeiro que o abandonou por um vaqueiro ou foi raptada pelo diabo.
- e. "Minha gente", cuja ação e trama ocorrem no local chamado Todo-Fim-É-Bom.

2. PUC-SP 2009

Guimarães Rosa escreveu "Sagarana" em 1946. Compõe-se esta obra de nove contos, entre os quais se destaca "Corpo Fechado", narrativa que relata episódios vividos por uma personagem que se envolve com histórias de valentia, convivência com ciganos, afrontas amorosas, trocas duvidosas com perdas e ganhos e intimidações que justificam o fechamento de corpo. Indique a alternativa que contém dados caracterizadores da personagem central que protagoniza o enredo do referido conto.

- a. Manuel Fulô, um sujeito pingadinho, quase menino - "pepino que encorujou desde pequeno" - cara de bobo de fazenda - (...) mas que gostava de fechar a cara e roncar voz, todo enfarruscado, para mostrar brabeza, e só por descuido sorria, um sorriso manhoso de dono de hotel. E, em suas feições de caburé insalubre, amigavam-se as marcas do sangue aimoré e do gálico herdado: cabelo preto, corrido, que boi lambeu; dentes de fio em meia-lua; malares pontudos; lobo da orelha aderente; testa curta, fugidia; olhinhos de viés e nariz peba, mongol.
- b. Turíbio Todo, nascido à beira do Borrachudo, era seleiro de profissão, tinha pelos compridos nas narinas, e chorava sem fazer caretas; palavra por palavra: papudo, vagabundo, vingativo e mau.
- c. E o chefe - o mais forte e o mais alto de todos, com um lenço azul enrolado no chapéu de couro, com dentes brancos limados em cume, de olhar dominador e tosse rosnada, mas sorriso bonito e mansinho de moça - era o homem mais afamado dos dois sertões do rio (...), o arranca-toco, o treme-terra, o come-brasa, o pega-à-unha, o fecha-treta, o tira-prosa, o parte-ferro, o romperacha, o rompe-e-arrasa: Seu Joãozinho Bem-Bem.
- d. João Mangalô velho de guerra, voluntário do mato nos tempos do Paraguai, remanescente do "ano da fumaça", liturgista ilegal e orixá-pai de todos os metapsíquicos por-perto, da serra e da gruta, e mestre em artes de despacho, atraso, telequinese, vidro moído, vuduísmo, amarramento e desamarração.
- e. Primo Ribeiro, sarro de amarelo na cara chupada, olhos sujos desbrilhados, e as mãos pendulando, compondo o equilíbrio, sempre a escorar dos lados a bambeza do corpo. Mãos moles, sem firmeza, que deixam cair tudo quanto ele queira pegar. Baba, baba, cospe, cospe, vai fincando o queixo no peito.

3. FUVEST 1991

- Primo Argemiro!

E, com imenso trabalho, ele gira no assento, conseguindo pôr-se de-banda, meio assim.

Primo Argemiro pode mais: transporta uma perna e se escancha no cocho.

- Que é, Primo Ribeiro?

- Lhe pedir uma coisa... Você faz?

- Vai dizendo, Primo.

- Pois então, olha: quando for a minha hora você não deixe me levarem p'ra o arraial... Quero ir mais é p'ra o cemitério do povoado... Está desdeixado, mas ainda é chão de Deus... Você chama o padre, bem em-antes... E aquelas coisinhas que estão numa capanga bordada, enroladas em papel-de-venda e tudo passado com cadarço, no fundo da canastra... se rato não roeu... você enterra junto comigo... Agora eu não quero mexer lá... Depois tem tempo... Você promete?...

- Deus me livre e guarde, Primo Ribeiro... O senhor ainda vai durar mais do que eu.

- Eu só quero saber é se você promete...

- Pois então, se tiver de ser desse jeito de que Deus não há-de querer, eu prometo.

- Deus lhe ajude, Primo Argemiro.

E Primo Ribeiro desvira o corpo e curva ainda mais a cara.

Quem sabe se ele não vai morrer mesmo? Primo Argemiro tem medo do silêncio.

- Primo Ribeiro, o senhor gosta d'aqui?...

- Que pergunta! Tanto faz... É bom p'ra se acabar mais ligeiro... O doutor deu prazo de um ano... Você lembra?

- Lembro! Doutor apessoado, engraçado... Vivia atrás dos mosquitos, conhecia as raças lá deles, de olhos fechados, só pela toada da cantiga... Disse que não era das frutas e nem da água... Que era o mosquito que punha um bichinho amaldiçoado no sangue da gente... Ninguém não acreditou... Nem o arraial. Eu estive lá com ele...

- Primo Argemiro o que adianta...

- ... E então ele ficou bravo, pois não foi? Comeu goiaba, comeu melancia da beira do rio, bebeu água do Pará e não teve nada...

- Primo Argemiro...

- ... Depois dormiu sem cortinado, com janela aberta... Apanhou a intermitente; mas o povo ficou acreditando...

- Escuta! Primo Argemiro... Você está falando de-carreira, só para não me deixar falar!

- Mas, então, não fala em morte Primo Ribeiro!... Eu, por nada que não queria ver o senhor se ir primeiro do que eu...

- P'ra ver!... Esta carcaça bem que está aguentando... Mas, agora, já estou vendo o meu descanso, que está chega-não-chega, na horinha de chegar...

- Não fala isso Primo!... Olha aqui: não foi pena ele ter ido s'embora? Eu tinha fé em que acabava com a doença...

- Melhor ter ido mesmo... Tudo tem de chegar e de ir s'embora outra vez... Agora é a minha cova que está me chamando... Aí é que eu quero ver! Nenhuma ruindades deste mundo não têm poder de segurar a gente p'ra sempre, Primo Argemiro...

- Escuta Primo Ribeiro: se lembra de quando o doutor deu a despedida p'ra o povo do povoado? Foi de manhã cedo, assim como agora... O pessoal estava todo sentado nas portas das casas, batendo queixo. Ele juntou a gente... Estava muito triste... Falou: - 'Não adianta tomar remédio, porque o mosquito torna a picar... Todos têm de se, mudar daqui... Mas andem depressa pelo amor de Deus!' -... -Foi no tempo da eleição de seu Major Vilhena... Tiroteio com três mortes...

- Foi seis meses em-antes-de ela ir s'embora...

De branco a mais branco, olhando espantado para o outro, Primo Argemiro se perturbou. Agora está vermelho, muito.

Desde que ela se foi, não falaram mais no seu nome. Nem uma vez. Era como se não tivesse existido. E, agora...

"Foi seis meses em-antes-de ela ir-s'embora..."

"Desde que ela se foi, não falaram mais no seu nome. Nem uma vez. Era como se não tivesse existido."

Estas duas passagens fazem referência explícita ao motivo central da narrativa:

- a. Primo Ribeiro é casado com Luísa por quem Argemiro se apaixona, a ponto de matar o primo.
- b. Primo Argemiro é casado com Luísa por quem Ribeiro se apaixona, a ponto de provocar a morte do primo.
- c. Luísa é casada com Ribeiro, mas apaixona-se por um boiadeiro que Argemiro mata, em consideração ao primo.
- d. Luísa é casada com Ribeiro; o Primo Argemiro é apaixonado por ela, mas ela foge com um boiadeiro.
- e. Um boiadeiro, que passa duas vezes pela casa dos primos Ribeiro e Argemiro, casa-se com Luísa, que morava com eles.

4. PUCSP 2005

O conto "Conversa de bois" integra a obra SAGARANA, de João Guimarães Rosa. De seu enredo como um todo, pode afirmar-se que

- a. os animais justiceiros, puxando um carro, fazem uma viagem que começa com o transporte de uma carga de rapadura e um defunto e termina com dois.
- b. a viagem é tranquila e nenhum incidente ocorre ao longo da jornada, nem com os bois nem com os carreiros.
- c. os bois conversam entre si e são compreendidos apenas por Tiãozinho, guia mirim dos animais e que se torna cúmplice do episódio final da narrativa.
- d. a presença do mítico-lendário se dá na figura da irara, "tão séria e moça e graciosa, que se fosse mulher só se chamaria Risoleta" e que acompanha a viagem, escondida, até à cidade.
- e. a linguagem narrativa é objetiva e direta e, no limite, desprovida de poesia e de sensações sonoras e coloridas.

5. PUCPR 2001

Na visão de mundo de Guimarães Rosa, o bem e o mal aparecem relativizados, e o maniqueísmo não prevalece na constituição de suas personagens.

Identifique, nos exemplos fornecidos, aquele que é FALSO em relação à constituição das personagens de "Sagarana":

- a. Em "Duelo", o enfoque dos encontros e desencontros entre Cassiano Gomes e Turíbio Todo faz questionar a possibilidade de identificar vítimas ou culpados, heróis ou vilões.
- b. Em "A hora e vez de Augusto Matraga", as transformações sucessivas do protagonista, de facínora a devoto, resultam no equilíbrio final, revelado plenamente na hora de sua morte.
- c. Em "São Marcos", a cegueira do narrador pode ser interpretada como reação do feiticeiro Mangolô a suas provocações atrevidas e preconceituosas.
- d. Em "Conversa de bois", há consenso entre os bois, que consideram os seres humanos como seres superiores a eles, por reunirem em suas personalidades características contraditórias.
- e. Em "Sarapalha", a desavença final entre os primos Argemiro e Ribeiro resulta de um desejo reprimido por um deles durante muitos anos; Primo Argemiro acreditava merecer o perdão, mas Primo Ribeiro não o perdoou.

6. FUVEST 1990

Dentre os contos de "Sagarana" existe um em que o narrador sustenta um duelo literário com outro poeta, chamado Quem Será, e no qual se fazem várias considerações sobre a natureza da poesia. Numa metáfora do condicionamento do homem, resistente à aceitação do novo e diferente, o autor leva a personagem a passar por um período de cegueira. A partir daí a personagem descobre a mutilação dos sentidos, que agora se abrem a outras vertentes da realidade.

Em qual dos contos a seguir se discute essa questão?

- a. "A hora e a vez de Augusto Matraga"
- b. "Duelo"
- c. "Conversa de Bois"
- d. "São Marcos"
- e. "Corpo fechado"

7. FUVEST 2009

Vestindo água, só saído o cimo do pescoço, o burrinho tinha de se enqueixar para o alto, a salvar também de fora o focinho. Uma peitada. Outro tacar de patas. Chu-áa! Chu-áa... – ruge o rio, como chuva deitada no chão. Nenhuma pressa! Outra remada, vagarosa. No fim de tudo, tem o pátio, com os cochos, muito milho, na Fazenda; e depois o pasto: sombra, capim e sossego... Nenhuma pressa. Aqui, por ora, este poço doido, que barulha como um fogo, e faz medo, não é novo: tudo é ruim e uma só coisa, no caminho: como os homens e os seus modos, costumeira confusão. É só fechar os olhos. Como sempre. Outra passada, na massa fria. E ir sem afã, à voga surda, amigo da água, bem com o escuro, filho do fundo, poupando forças para o fim. Nada mais, nada de graça; nem um arranco, fora de hora. Assim.

João Guimarães Rosa. "O burrinho pedrês", *Sagarana*.

Quando nos apresentamos os homens vistos pelos olhos dos animais, as narrativas em que aparecem o burrinho pedrês, do conto homônimo (*Sagarana*), os bois de "Conversa de bois" (*Sagarana*) e a cachorra Baleia (*Vidas secas*) produzem um efeito de:

- a. indignação, uma vez que cada um desses animais é morto por algozes humanos.
- b. infantilização, uma vez que esses animais pensantes são exclusivos da literatura infantil.
- c. maravilhamento, na medida em que os respectivos narradores servem-se de sortilégios e de magia para penetrar na mente desses animais.
- d. estranhamento, pois nos fazem enxergar de um ponto de vista inusitado o que antes parecia natural e familiar.
- e. inverossimilhança, pois não conseguem dar credibilidade a esses animais dotados de interioridade.

8. FUVEST 2009

Em trecho anterior do mesmo conto, o narrador chama Sete-de-Ouros de "sábio". No excerto, a "sabedoria" do burrinho consiste, principalmente, em:

- a. procurar adaptar-se o melhor possível às forças adversas, que busca utilizar em benefício próprio.
- b. firmar um pacto com as potências mágicas que se ocultam atrás das aparências do mundo natural.
- c. combater frontalmente e sem concessões as atitudes dos homens, que considera confusas e desarrazoadas.
- d. ignorar os perigos que o mundo apresenta, agindo como se eles não existissem.
- e. escolher a inação e a inércia, confiando inteiramente seu destino às forças do puro acaso e da sorte.

9. PUCCAMP 1995

Leia com atenção o seguinte fragmento de *A hora e vez de Augusto Matraga*, de João Guimarães Rosa:

Então eles trouxeram, uma noite, muito à escondida, o padre, que o confessou e conversou com ele, muito tempo, dando-lhe conselhos que o faziam chorar.

- Mas, será que Deus vai ter pena de mim, com tanta ruindade que fiz, e tendo nas costas tanto pecado mortal?

- Tem, meu filho. Deus mede a espora pela rédea, e não tira o estribo do pé de arrependido nenhum...

E por ai a fora foi, com um sermão comprido, que acabou depondo o doente num desvencido torpor.

- Eu acho boa essa ideia de se mudar para longe, meu filho. Você não deve pensar mais na mulher, nem em vinganças. Entregue para Deus, e faça penitência. Sua vida foi entortada no verde, mas não fique triste, de modo nenhum, porque a tristeza é aboio de chamar o demônio, e o Reino do Céu, que é o que vale, ninguém tira de sua algibeira, desde que você esteja com a graça de Deus, que ele não regateia a nenhum coração contrito!

- Fé eu tenho, fé eu peço, Padre...

- Você nunca trabalhou, não é? (...) Reze e trabalhe, fazendo de conta que esta vida é um dia de capina com sol quente, que às vezes custa muito a passar, mas sempre passa. E você ainda pode ter muito pedaço bom de alegria... Cada um tem a sua hora e a sua vez: você há de ter a sua.

Refleta sobre as seguintes afirmações:

- I. Tal como ocorre nos demais contos de SAGARANA, João Guimarães Rosa centraliza neste a prática popular da fé cristã, encarnada aqui num Augusto Matraga renascido, que viverá o resto de sua vida no trabalho humilde e penitente, para além do heroísmo e da violência.
- II. Neste conto, como em todos de SAGARANA, a linguagem do autor promove uma autêntica fusão entre o que é abstrato e o que é concreto, tal como aqui ocorre na fala do padre, em que os valores religiosos se enraízam no cotidiano sertanejo.
- III. A "hora e vez" de que fala o padre vai-se concretizar, neste conto, num ato de fé e de bravura do protagonista contra um inimigo poderoso, o que lembra o clímax de dois outros contos do livro: "São Marcos" e "Corpo fechado".

É correto afirmar que

- a. apenas II é verdadeira.
- b. apenas III é verdadeira.
- c. apenas I e III são verdadeiras.
- d. apenas II e III são verdadeiras.
- e. I, II e III são verdadeiras.

10. ALBERT EINSTEIN 2017

“De repente, na altura, a manhã gargalhou: um bando de maitacas passava, tinindo guizos, partindo vidros, estrelajando de rir. E outro. Mais outro. E ainda outro, mais baixo, com as maitacas verdinhas, grulhantes, gralhantes, incapazes de acertarem as vozes na disciplina de um coro. (...) O sol ia subindo, por cima do voo verde das aves itinerantes. Do outro lado da cerca, passou uma rapariga. Bonita! Todas as mulheres eram bonitas. Todo anjo do céu devia de ser mulher.”

O trecho acima integra a obra *Sagarana*, de Guimarães Rosa. Indique, nas alternativas abaixo, o nome do conto que contém o referido trecho.

- a. “A hora e vez de Augusto Matraga”, que narra a violência como instrumento de redenção, materializada na morte de Joãozinho Bem-Bem e do jagunço protagonista.
- b. “Corpo Fechado”, história de valentões e de espertos, de violência e de mágica, protagonizado por Manuel Fulô.
- c. “São Marcos”, que relata a desavença entre o narrador e um feiticeiro que o deixa cego por força de uma bruxaria.
- d. “Minha Gente”, em que se relata a situação vivida por um moço da cidade que vai passar uma temporada no campo e vive amores desencontrados.

GABARITO: 1) a, 2) a, 3) d, 4) a, 5) d, 6) d, 7) d, 8) a, 9) d, 10) a,

